

A esperança equilibrista

Apesar de você,
A gente quer ter voz ativa.
Nas favelas, no senado
Saber não é esperar
Porque você mata uma,
E vem outra em meu lugar

Quero lançar um grito desumano
Não tragar a dor, nem engolir a labuta
Essa palavra presa na garganta
Quero uma realidade menos morta
Sem tanta mentira, tanta força bruta

Pai, afasta de mim esse cálice.
De morrer pela pátria e viver sem razão
Eu quero seguir vivendo, amor,
Eu vou! Eu vou com aqueles que acreditam nas flores
Vencendo o canhão

Você que inventou a tristeza, saiba que
Quem sabe faz a hora,
não espera acontecer
Você vem me agarra, alguém vem me solta
Esse silêncio todo me atordoa
Você corta um verso, eu escrevo outro

Eu quero é botar meu bloco na rua
Você vai ter que ver
O dia raiar
O jardim florescer
Nosso coro a cantar
Como vai se explicar
Quando a manhã renascer?

E que o passado abra os presentes pro futuro

Por que não?

Mesmo calado o peito, resta a cuca

E sem lhe pedir licença

Eu vou! Eu vou esbanjar poesia

Que é uma maneira de ser escutado.

Então, vem, vamos embora

Que amanhã vai ser outro dia

Quem sabe chega a hora

Em que não chorem mais

Clarisses e Marias?

(Maria Cecília Monteiro Santos - 3º ano do EM – 1303)